FRIEDMAN, George. The Next 100 Years – A Forecast For The 21st Century. New York: The Doubleday Publishing Group, 2009.

Edu Silvestre de Albuquerque*

OS PRÓXIMOS 100 ANOS: UMA PREVISÃO PARA O SÉCULO XXI

George Friedman (Autor), Gabriel Zide Neto (Tradução)

Best Business, Rio de Janeiro, 2009

De que forma o sistema internacional absorverá a transição demográfica e as novas tecnologias do século XXI? Os Estados Unidos encontrarão novos desafios globais? Qual será a posição do Brasil na nova ordem internacional? A CIA – Central de Inteligência Americana – gasta algumas boas dezenas de milhões de dólares para encomendar a especialistas a elaboração de cenários para o sistema internacional nas próximas décadas, cujo resultado pode ser apreciado consultando a edição brasileira de *O Relatório da CIA: como será o mundo em 2020*, publicado pela Ediouro em 2006.

Mas o novo livro de George Friedman, *Os próximos 100 anos: uma previsão para o século XXI*, promete maior ousadia, além de não ter custado nada ao bolso dos contribuintes. O renomado autor norte-americano elabora cenários do sistema internacional para até o final deste século, utilizando a geografia (e a história) como instrumento de projeção de poder dos Estados nacionais, descrevendo como os “padrões tradicionais” de comportamento e arranjos entre estes se desenvolverão no século XXI. A ousadia reside na capacidade de pensar o futuro próximo da Humanidade não meramente numa perspectiva economicista, mas numa perspectiva fundamentalmente geopolítica. Diz o autor que a geopolítica parte de dois princípios: o primeiro, de que as pessoas se organizam em unidades

maiores que as famílias (fazem política) e desenvolvem um senso de lealdade em relação aos lugares e coisas com que nasceram; o segundo, de que a personalidade de um país é condicionada por sua geografia, tanto quanto a relação entre os países. Vindo de um cientista político isto pode parecer surpreendente, sobretudo, quando considerado que a geopolítica representa uma reflexão sempre tímida mesmo no seio do corpo geográfico.

O húngaro-americano George Friedman é consultor de relações internacionais e assuntos de segurança e autor de diversos livros, como *The Future of War*, *America's Secret War* e *The Edge Intelligence*. Friedman veio de uma longa carreira acadêmica, ensinando ciência política na Dickinson College, também contribuindo com a formação de oficiais de alta patente das forças armadas norte-americanas no E. U. Army War College. Friedman utilizou-se amplamente da teoria dos jogos de guerra, criando modelos computadorizados com emprego na defesa e setor privado.

Um exemplo emblemático da ousadia intelectual do autor pode ser vislumbrado na questão da origem da Era Norte-Americana, que, para muitos, teria emergido com a Segunda Guerra quando os britânicos tiveram que passar posições logísticas-chaves para a Marinha dos Estados Unidos. Mas Friedman traz novos

elementos, destacando os novos fluxos comerciais com o Pacífico, que fizeram com que o comércio transpacífico se igualasse ao comércio transatlântico na década de 1980, anunciando os EUA como centro do sistema de gravidade internacional. Com efeito, o nascimento formal da Era Norte-Americana, em substituição à Era Atlântica ou Europeia, que ocorreu com a queda da última potência europeia, a União Soviética, em dezembro de 1991, seria desdobramento daquela situação.

Entretanto, o anúncio da unipolaridade norte-americana para o mundo ainda teria que esperar os ataques terroristas de 11 de Setembro de 2001, que proporcionaram uma reação unilateral norte-americana. Para Friedman, mesmo que os Estados Unidos tenham que se retirar do Afeganistão e Iraque, seus objetivos estratégicos foram alcançados, inviabilizando a desestabilização dos países da região pelos fundamentalistas islâmicos.

Inobstante, Friedman também lança críticas à ocupação (não ao bombardeio) dos dois países islâmicos, que expressariam atitudes emotivas da política externa norte-americana, típicas de um poder ainda bárbaro ou não totalmente civilizado e característica de países em estágio inicial de sua história. As divisões internas (étnicas e religiosas) entre os países islâmicos, prossegue, impediriam por si só a constituição de uma base política comum em torno da *Jihad*.

Segundo Friedman, seus cenários são construídos a partir dos “ciclos de 50” anos que dominam as mudanças econômicas e sociais na América e no mundo (ainda que não faça qualquer referência aos “ciclos de Kondratiev”, parece inegável a influência daquele economista marxista russo na ideia dos ciclos longos de Friedman), que alternam momentos de crise econômica e busca de soluções tecnológicas, exigindo reengenharias do sistema internacional que não são percebidas como satisfatórias para todos os atores. Assim, no horizonte global se anunciam duas grandes crises, respectivamente, por volta de 2030 e 2080, em que a geografia do mundo tal como o conhecemos será redesenhada

radicalmente. O declínio da taxa de natalidade mundial é outra variável estrutural da análise geopolítica do autor, cujos impactos serão maiores nos países industrializados, que dependerão de novos fluxos imigratórios para reativarem suas economias. Juntas, mudanças tecnológicas e demográficas influenciarão diretamente no balanço de poder do século XXI.

O mundo em 2020. A primeira parte da obra remete a cenários cujos acontecimentos recentes já indicam as transformações do sistema internacional apontadas por Friedman; este é o caso das campanhas militares do exército russo na Geórgia em 2008, que anunciam a retomada da tentativa russa de influenciar sua vizinhança histórica, notadamente, o Cáucaso, a Ásia Central e o Leste Europeu. Para o autor, a Rússia poderá, no máximo, tornar-se uma potência regional, desafiadora dos interesses norte-americanos na região. Àqueles que não veem esta ameaça na Rússia, mas na China, Friedman responde que os chineses estão longe de constituírem um poder naval e, além do mais, sequer conseguirão manter o país integrado até antes do final da próxima década, pressionados internamente pelos desequilíbrios regionais entre o Leste (o litoral industrializado ligado aos interesses externos) e o Oeste (o interior pobre e diverso). A China, prossegue o autor, será antes uma aliada econômica que competidora dos EUA, repetindo o padrão que já vem desde a aproximação dos dois países na década de 1970, naquela ocasião como estratégia de Washington para isolar os soviéticos.

Apesar do uso da força militar e da pressão econômica – caso dos gasodutos e oleodutos herdados do período de planejamento soviético –, a Rússia também falhará, por volta de 2020, em reconstituir o Estado russo e reafirmar seu poderio nas fronteiras. O novo desastre russo, provavelmente, começará nos países bálticos, cuja tentativa de reanexação será barrada pela Alemanha ou Polônia, mas certamente com envolvimento norte-americano; e continuará pelo Cáucaso, com a independência de pequenas repúblicas autônomas como a islâmica Tchetchênia.

Nesse momento histórico, entra em cena outra previsão de Friedman, de que o Japão deverá abandonar sua condição de potência pacifista e periférica; e que neste caminho poderá convergir com os interesses de outro país eurasiático periférico, a Turquia como líder do mundo muçulmano (único país de grande população islâmica e de peso econômico suficiente cujas divisões internas podem ser equilibradas). Inicialmente, os japoneses e, principalmente, os turcos poderão ser vistos com simpatia pelos Estados Unidos para tentar conter a nova expansão russa, mas no médio prazo esta percepção deverá mudar. Outra aposta de Friedman é de que será a Polônia, e não a Alemanha, quem assumirá o papel de líder no Leste Europeu, vista com menor desconfiança por europeus e norte-americanos, que desejarão um aliado forte na Europa para conter os russos e os turcos.

O mundo em 2050. Para Friedman, a crise econômica de 2008-2009 marca apenas o início de uma crise maior – demográfica, de energia e de inovação –, que manifestar-se-á com intensidade total entre o final da década de 2020 e início de 2030; e cujas soluções procuradas pelos países lançarão o mundo em novas tensões que devem culminar numa nova Guerra Mundial por volta de 2050.

O leitor atento perceberá que está entrando numa segunda parte do livro, que trata de cenários de médio e longo prazo, onde, como o próprio autor admite, as chances de erros tornam-se maiores que os acertos. Friedman alega, em sua defesa, que o senso comum é incapaz de prever acontecimentos fundamentais no sistema internacional mesmo em intervalos relativamente curtos de 20 anos. Questiona o autor que poucos analistas previram o reerguimento da Alemanha na década de 1940, após ter perdido a Primeira Guerra Mundial; ou o Japão como segunda potência econômica antes do final do século XX, justamente com o beneplácito dos EUA, que foram seus inimigos na Segunda Guerra; e que ninguém previu com exatidão o fim da Guerra Fria e a dissolução da União Soviética nos anos 1990.

Assim, o principal desafio dos Estados Unidos depois da nova Guerra Fria contra a Rússia, viria da coalizão nipo-turca, cujas divergências estarão cada vez mais acentuadas por volta de 2040. Os japoneses retomariam sua histórica influência no Leste Asiático (incluindo os recursos naturais da Sibéria e do nordeste chinês) e Pacífico, enquanto os turcos conquistariam o mundo islâmico e penetrariam na Europa, encontrando a resistência do bloco de países do Leste Europeu sob liderança da Polônia.

Após a vantagem inicial de um ataque surpresa dos japoneses ao sistema de defesa norte-americano baseado nas órbitas terrestres (um novo Pearl Harbor), os Estados Unidos cedo equilibrariam o jogo e passariam a ofensiva contra a coalizão nipo-turca. Aqui é evidente a dupla crença de Friedman, que compartilham do consenso formado nos EUA: primeira, a inevitabilidade da reemergência militar do Japão diante do crescimento chinês e da instabilidade coreana; segunda, a inviolabilidade do território norte-americano mesmo nas novas guerras globais, que deixaria o sistema industrial-militar da nação intacto durante todo este século.

Mas para muitos analistas e a grande mídia, a China é quem encarna a principal ameaça asiática ao poder estadunidense no século XXI. Esta é a opinião, por exemplo, de Samuel Huntington, autor do famoso “paradigma do choque das civilizações”, que defende o argumento de que a principal aliança desafiante do poder americano virá da aproximação entre a China e os países islâmicos. Para Friedman, o problema continuará situado numa aliança asiático-islâmica, mas seus protagonistas serão Japão e Turquia, respectivamente. É importante destacar que, na sequência dos eventos que resultaram na desintegração da União Soviética, Friedman já havia estudado um possível conflito entre EUA e Japão, sendo co-autor de *The Coming War with Japan*, em 1991.

O mundo entre 2080 e 2100. Claro que os EUA sairão como o grande vencedor da Terceira Guerra Mundial e, a partir da década de 2060, comandarão nova fase de prosperidade

econômica mundial com seu projeto de energia baseado no espaço (energia solar reenviada por micro-ondas). Agora, os novos rivais globais dos EUA seriam a Polônia, vencedora sobre a França e Alemanha nos confrontos europeus; e, pasmem, o México. E, novamente, antigos inimigos se tornariam agora em aliados, caso da Turquia, que passaria a ser vista como país-chave para combater o crescimento da influência polonesa.

Quando se descortina, ao longo da obra, o desafio geopolítico representado pela ascensão do México no final deste século, a lógica do pensamento de George Friedman se desvela plenamente. A premissa fundamental de sua obra é o deslocamento do conceito mackinderiano de *heartland* da Eurásia para a América do Norte; sendo que o próprio autor recorda o papel central desta última em relação aos fluxos econômicos procedentes do Atlântico Norte e do Pacífico. Assim, ao contrário do geógrafo britânico Halford Mackinder – que via o futuro do mundo no país ou aliança capaz de dominar a Europa Central –, Friedman acredita que o futuro do mundo no século XXI advirá da disputa do “coração da América do Norte” entre Estados Unidos e México. Em certo sentido, reproduz a paranóia estadunidense contra a invasão de imigrantes mexicanos, necessária diante das tendências de envelhecimento e redução da natalidade dos norte-americanos: essa população mexicana localizar-se-á preferencialmente na fronteira com o México, onde se tornará maioria por volta de 2060, e poderá fazer com que o México deseje, entre 2080 e 2100, reaver os territórios perdidos para os Estados Unidos no século XIX.

A crença na salvação tecnológica também acompanha Friedman, garantindo a continuidade da Era Americana por meio do complexo industrial-militar, agora baseado no espaço. Em momentos como este, o livro de Friedman transforma-se em pura ficção científica, ainda que o autor se esforce em manter um raciocínio lógico baseado nos jogos de guerra e no realismo político. Aliás, isto já ocorre quando Friedman descreve as batalhas sub-orbitais entre japoneses e norte-americanos na Guerra Mundial de 2050, bem como as estratégias militares que fundamentariam a reação dos Estados Unidos, no que lembra outra obra de ficção militar de sucesso na Guerra Fria real, *A terceira guerra mundial: Agosto de 1985*, publicada em 1980 pela editora Bibliex, de autoria do general da OTAN Sir John Hackett, cujas previsões, evidentemente, não se realizaram.

E o Brasil? O Brasil aparece no pensamento de Friedman no lugar de sempre, país de grande potencial econômico, mas em condição geopolítica periférica aos grandes eixos formadores de decisão. Por esta razão, seria o México, e não o Brasil, quem poderia projetar poder em direção ao *heartland* norte-americano, sendo que estaria reservado ao Brasil uma posição de mero coadjuvante no apoio indireto aos interesses mexicanos na região, em função dos interesses comuns latino-americanos.

Ainda que diversos pontos desta obra de Friedman possam ser considerados pura especulação ou ficção científica, outros tantos não podem ser ignorados por virem de um intelectual tão próximo ao poder. Talvez por esta razão, tenha se tornado, tão rapidamente, *best seller* do prestigiado jornal *New York Times*.

Trabalho enviado em fevereiro de 2010

Trabalho aceito em maio de 2010